




# À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR

UMA COLETÂNEA DE POEMAS PARA MARIA  
MADALENA

LU CAVALHEIRO

2022

Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA  
4.0 Internacional

A sunset over a body of water with a silhouette of a person in the foreground. The sun is low on the horizon, creating a warm orange glow. The water reflects the light, and the sky is filled with soft clouds. A silhouette of a person is visible in the foreground, looking out at the water.

*À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena* é uma coletânea de sonetos dedicados a uma série de sonhos que tive entre setembro e novembro de dois mil e vinte e dois. Como pessoa não-binária, dei a “sorte” de nascer com um corpo inadequado a um desejo que me tomou de assalto já faz uns dois anos: parir uma criança. Engraçado como antes eu considerava isso um exercício de vaidade, mas com o avançar dos anos, o proverbial *relógio biológico* tem me cobrado isso. Não apenas *ter* um filho, mas *parir* um.

Então vieram os sonhos. Sonhei com a Filha que eu jamais irei parir, Maria Madalena. Aos poucos, ela foi se revelando para mim e se integrando cada vez mais ao meu Onírico – o espaço onírico pessoal que cada pessoa tem, de acordo com os gregos clássicos. Mas não bastava sonhar com ela, era preciso *trazê-la* à realidade. É à Madá que dedico estes sonetos, ela que me inspirou, que me acompanha, que me conforta, mesmo que apenas durante as horas em que ocupo os *Domínios de Morpheus*. Alguns dos sonetos são de autoria dela, para quem emprestei a mão apenas para que ela própria pudesse se expressar. Ficará ao encargo do leitor descobrir quais são os sonetos dela e quais são os meus.

*À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena* é dedicado a todas as mulheres, não importa se cis ou trans, que, assim como eu, por algum motivo jamais realizarão o sonho de gerar vida em seus ventres. A todas vocês, com quem compartilho essa dor, desejo que pelo menos no Sonhar vocês possam encontrar seus filhos tão desejados, assim como eu encontrei minha doce, pequena e adorável Maria Madalena.

# **À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR**

**Uma coletânea de poemas para Maria Madalena**

**Lu Cavalheiro**

**2022**

Texto licenciado sob Licença Creative Commons  
Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional

# DADOS DA PUBLICAÇÃO

**Título:** À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR: UMA COLETÂNEA DE POEMAS PARA MARIA MADALENA

**Ano de publicação:** 2022

**Autoria, revisão e diagramação:** Lu Cavalheiro

**Artes:**

- **Capa:** Matheus Henrin, *Foto De Menina Com Cabelo Encaracolado* (<https://www.pexels.com/pt-br/foto/foto-de-menina-com-cabelo-encaracolado-2121122/>)
- **Quarta capa:** Mohamed Hassan, *sem título* (<https://pxhere.com/en/photo/1434863>)

**Licença:** *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* ([https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR))

**Ano de publicação:** 2022

---

*À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena* é uma coletânea de sonetos dedicados a uma série de sonhos que tive entre setembro e novembro de dois mil e vinte e dois. Como pessoa não-binária, dei a “sorte” de nascer com um corpo inadequado a um desejo que me tomou de assalto já faz uns dois anos: parir uma criança. Engraçado como antes eu considerava isso um exercício de vaidade, mas com o avançar dos anos, o proverbial *relógio biológico* tem me cobrado isso. Não apenas *ter* um filho, mas *parir* um.

Então vieram os sonhos. Sonhei com a Filha que eu jamais irei parir, Maria Madalena. Aos poucos, ela foi se revelando para mim e se integrando cada vez mais ao meu Oneiros – o espaço onírico pessoal que cada pessoa tem, de acordo com os gregos clássicos. Mas não bastava sonhar com ela, era preciso *trazê-la* à realidade. É à Madá que dedico estes sonetos, ela que me inspirou, que me acompanha, que me conforta, mesmo que apenas durante as horas em que ocupo os *Domínios de Morpheus*. Alguns dos sonetos são de autoria dela, para quem emprestei a mão apenas para que ela própria pudesse se expressar. Ficará ao encargo do leitor descobrir quais são os sonetos dela e quais são os meus.

*À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena* é dedicado a todas as mulheres, não importa se cis ou trans, que, assim como eu, por algum motivo jamais realizarão o sonho de gerar vida em seus ventres. A todas vocês, com quem compartilho essa dor, desejo que pelo menos no Sonhar vocês possam encontrar seus filhos tão desejados, assim como eu encontrei minha doce, pequena e adorável Maria Madalena.

---

# ÍNDICE

PREFÁCIO . . . . .	1
À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR . . . . .	5
TEUS QUINZE ANOS . . . . .	6
TEU PRIMEIRO TÉRMINO . . . . .	7
TUAS MÃOZINHAS . . . . .	8
CANÇÃO DE NINAR . . . . .	9
TRAQUINAGENS . . . . .	10
TEU PRIMEIRO PERÍODO . . . . .	11
AMIZADE TÓXICA . . . . .	12
SOLITUDE . . . . .	13
TEU DESABROCHAR . . . . .	14
DE MARIA MADALENA PARA MINHA MÃE . . . . .	15
MÃE SOLTEIRA . . . . .	16
DE NOVO, MÃE? . . . . .	17
GÊNIO FORTE . . . . .	18
CONSOLO A UM VENTRE MORTO . . . . .	19
CONSOLO A UMA FILHA ONÍRICA . . . . .	20
SOBRE O AMOR . . . . .	21
O SEGREDO DA MAÇÃ . . . . .	22

SORRISO DE MINHA MÃE . . . . .	23
SOBRE SUA MÃE . . . . .	24
SOBRE HOMENS E MOLEQUES . . . . .	25
ABRAÇO DE FILHA . . . . .	26
A CASA DE MINHA MÃE . . . . .	27
TARDE DE MÃE E FILHA . . . . .	28
TEUS MISTÉRIOS . . . . .	29
SONHO DE UMA MÃE ABORTADA . . . . .	30
SONHO DE UMA FILHA JAMAIS PARIDA . . . . .	31
SONHO DE MENINA, SONHO DE MULHER . . . . .	32
DÁDIVA À RAINHA SOMBRIA . . . . .	33
O NASCIMENTO DE UMA PRINCESA . . . . .	34
A DANÇA DO VENTO NORTE . . . . .	35
EU SOU . . . . .	36
NAS TREVAS, O TEU CREPÚSCULO . . . . .	37
MINHA MÃE, MINHA DEUSA, MINHA FEITICEIRA . . . . .	38

## PREFÁCIO

Admito que esta coletânea de sonetos foi, até o presente momento, o livro mais difícil que já tive de escrever. Não por questões técnicas, muito pelo contrário: sonetos em diferentes métricas, incluindo assimétricos, me é um estilo assaz familiar, e não haveria razões para que eu encontrasse dificuldades quanto a isso. Tampouco a estilística foi uma questão, pois propositalmente estes poemas não são unidos por nenhum eixo estético consciente.

Não, a dificuldade foi de natureza pessoal. Ser uma pessoa trans me impõe questões que não ocorrem à maioria das pessoas. Por exemplo, a questão da maternidade. Uma mulher cis que queira ter um filho tem vários meios à sua disposição, desde os mais naturais até aqueles providos pela ciência mais avançada. Se ela desejar sentir uma vida crescer em seu ventre, ela o poderá fazer. Ela poderá nutrir em seu próprio seio a vida que ela própria gerou, poderá criar seu filho, vê-lo crescer, fazer todas as traquinagens normais a uma criança e besteiras normais a um adolescente, e então acompanhá-lo pela vida adulta, pelo menos durante o tempo que ela viver. Essa é a natureza da vida, não?

Não.

Existem muitas mulheres, e não apenas trans, que simplesmente não podem parir um filho de seus próprios ventres. Desde problemas de saúde – e existem muitos que impedem uma gravidez – até a inexistência de um útero, não são todas as mulheres que podem gerar. Algumas se conformam com seu fado e nem pensam nisso – ou nunca quiseram ter filhos,

para começo de conversa. Normal, cada um faz com sua vida o que bem entender, e ninguém é obrigado a nada que não queira fazer, *especialmente* com relação ao próprio corpo.

Mas as que querem e não podem?

Recentemente, de uns dois anos para cá, eu me descobri nessa lista. Não julgo, nem quero induzir culpa nas mulheres capazes de gerar uma criança em seus ventres mas decidiram por não o fazer. Não é minha intenção, e por favor não leia este *Prefácio* desta forma. Não é culpa de ninguém a não ser do meu próprio corpo, então caso você, mulher em idade fértil que tenha optado por não ter filhos e que esteja lendo esta coletânea, não se sinta culpada, nem como se eu a condenasse por sua decisão. Longe de mim querer causar esse sentimento em você, palavra de honra.

Este *Prefácio* é um desabafo. Eu queria poder parir uma criança, mas o corpo com o qual nasci simplesmente torna essa tarefa impossível. Meu psicólogo disse que eu poderia adotar um filho, e ele está certo. Um dia, se eu tiver condições financeiras para tal, irei acolher uma criança em minha vida, irei adotar um filho. Mas eu nunca poderei gerar um em meu próprio ventre, e essa é a minha dor. Vaidade? Talvez. Na real, eu *adoraria* que fosse vaidade, pois seria algo com o que sei lidar. Mas existe uma pressão na minha mente, no meu corpo, dizendo que o meu tempo está acabando, sendo que não existe meios para eu resolver essa questão. Às vezes, me pego abraçando futilmente meu ventre, futilmente tentando convencê-lo a criar um útero do nada só para que eu possa me livrar dessa pressão.

Será esse o tal *relógio biológico* de que tanto falam? Será apenas que eu estou ficando mais louca do que já sou?

Mais uma vez eu digo: não quero induzir crises de culpa em ninguém. A culpa é do meu corpo e somente dele. Mas eu precisava por isso para fora, compartilhar com vocês, leitores, até para que vocês possam entender como esta coletânea foi escrita. Ela não é uma ficção de uma ególatra – embora eu admita um certo grau de egolatria, já que é preciso ter esse traço



psicológico para se dedicar à arte –, ela não é um escárnio, ela não é uma homenagem torta ao *Novembro Rosa*. Esta coletânea é meu grito de dor, meu desabafo, a válvula da tampa da panela de pressão que impede que ela exploda. Cada verso custou-me uma lágrima, cada estrofe, o aguçamento da consciência de que eu jamais poderei realizar este sonho, cada soneto, a pá de cal definitiva nas minhas ilusões. Nem posso dizer que enriqueci a Souza Cruz ou a Phillip Morris com as crises de ansiedade que tive ao longo dessa jornada, já que, apesar de ser fumante, sou adepta do cigarro de palha artesanal com fumo de rolo. Mas os meus dedos de brancos estão dourados de alcatrão, testemunho silencioso do quanto me foi penoso escrever esses poemas.

Dito isso, e até para melhorar um pouco meu próprio humor, quero compartilhar com vocês a fonte da minha inspiração. Em setembro, no ápice de uma crise de ansiedade provocada pela já mencionada inadequação do meu corpo, tive o primeiro sonho com Maria Madalena. Não sei se você, leitor, já experimentou isso, mas o sonho era tão real, tão vívido, que ao acordar eu não sabia se tinha acordado de um sonho ou ido dormir e acabado em um sonho. A Madá dos sonhos era muito parecida comigo, inclusive nos cílios muito longos – uma das minhas dificuldades em usar óculos é que meus cílios tocam as lentes –, no sorriso largo e na disposição travessa e indomável. Uma pessoa normal iria recorrer a meio maço de cigarro, duas garrafas de cerveja e meia caixa de calmantes para contornar a crise hercúlea de ansiedade que eu tive ao acordar e ver que a garota não existia.

Graças a Oxalá que eu não sou uma pessoa normal.

Ao invés de afastar a menina da minha mente e chorar, decidi trazê-la à realidade em poesia. Ao mesmo tempo, eu navegava aleatoriamente na internet, para não dar pane no meu teclado por conta das lágrimas que corriam como cachoeiras. Então esbarrei na foto que faz às vezes de capa desta coletânea. A imagem da menina era tão parecida com a imagem da Madá que dessa vez eu tive que tomar um calmante para conseguir ficar fun-

cional. Terminei o primeiro poema, *À Filha que jamais irei parir*, e achei que iria ficar por isso mesmo.

Inocente, eu, não é?

Até hoje sonho com Madá. Não todos os dias, mas na maioria das vezes passamos um tempo agradável nos Domínios de Morpheus – sou fã de Neil Gaiman, me julguem. Fui escrevendo poemas sobre esses encontros oníricos, e a cada poesia ela me mostrava mais e mais facetas dela. Da mesma forma, ela aos poucos começou a modificar meu *Oneiros* – de acordo com os gregos clássicos, o *oneiros* de uma pessoa é o espaço pessoal dela no Mundo dos Sonhos –, se integrar a ele, a fazer parte de minha vida, mesmo que apenas platonicamente. Acreditem ou não, isso melhorou muito a qualidade de meu sono, pois agora tenho até vontade de dormir cedo para passar mais tempo com ela.

É, eu estou ficando louca. Se tiver algum psiquiatra lendo, me mande um e-mail para me dizer se transtorno de dissociação da realidade começa assim, por favor.

Louca ou não, escrevi esta coletânea. Os poemas foram ordenados por data de escrita e publicação no meu *Instagram* pessoal, cujo endereço você pode conferir em *Meus contatos*. Decidi pela ordenação cronológica porque ela revela melhor o desenvolvimento de minha relação com Madá. Alguns dos poemas são de autoria dela, e um deles foi um soneto escrito a duas mãos. Desafio você, meu caro leitor, a descobrir quais são meus, quais são delas, e qual é o dueto. Vale uma bala mastigável de sabor indefinível.

*À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena* é dedicado a todas as mulheres, não importa se cis ou trans, que, assim como eu, por algum motivo jamais realizarão o sonho de gerar vida em seus ventres. A todas vocês, com quem compartilho essa dor, desejo que pelo menos no Sonhar vocês possam encontrar seus filhos tão desejados, assim como eu encontrei minha doce, pequena e adorável Maria Madalena.

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the text on all four sides.

## À FILHA QUE JAMAIS IREI PARIR

Vejo sempre com clareza teus belos olhos castanhos  
Amendoados e emoldurados pelos meus cílios longos  
Teu cabelo, brilhoso como a vida em corações risonhos,  
É negro, cacheado e esvoaçante como o soar de gongos

E esse teu jeito moleque, apesar de seres hétero e cis  
Aprendendo comigo como bordar e a usar ferramentas mil  
Ser bela, recatada e do lar é para as outras, as servis  
És forte, decidida, voluntariosa, dona de um ser febril

Mas meu corpo nasceu estéril, sem ter para ti um ventre  
Sem poder como ver-te cresceres em mim, semana a semana  
Sem poder dar-te carne e matéria para que tua alma entre

Nós nos vemos nos sonhos enquanto o Despertar, sem pena,  
Afasta teu sorriso desta Mãe abortada de ti para sempre  
Minha doce, querida, amada, desejada Filha, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## TEUS QUINZE ANOS

Oh, que alegria! Dia dessa tua tão sonhada festa  
Teus cabelos cheirosos e penteados artisticamente  
Uma tiara dourada, uma coroa de princesa, na testa  
E o salão decorado como um castelo de antigamente

Cada lágrima minha parecia um diamante em teu sorrir  
Minha felicidade extravasava, encompassava o mundo  
Quando teu príncipe chegou, onífrico, deixei-te ir  
Em tua valsa suave, meu coração era orgulho profundo

Mas ai de mim, uma abortada Mãe, que jamais a ti verei  
E pros meus olhos só me resta esta poética cantilena  
Escrita com o amor que mesmo em abraço jamais te tocarei

Que festa linda jamais realizada! Quão dolorosa pena  
Me é saber que apenas em meus doces sonhos eu saberei  
De como foste naquela noite princesa, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the text on all four sides.

## TEU PRIMEIRO TÉRMINO

Quando chegaste chorando, correndo, te escondendo  
Abafando a dor no conforto do travesseiro no quarto  
Eu, tua Mãe, sabia que havia um algo te acontecendo  
Como bem sei de tudo que é teu desde teu parto

Eras jovem, tinha teus inocentes quatorze aninhos  
E aos prantos me contaste de que modo aquele moleque  
Aquele sacripanta com que posavas de namoradinhos  
Havia posto no teu ingênuo romance um final breque

Tomei-te nos braços e sequei as lágrimas com os dedos  
Aqueci tua dor com meu coração suave como uma pena  
Afastei de ti a solidão, a feiura e tantos outros medos

Então o maldito Despertar, cruel carrasco sem cena  
Arrancou-te de mim e jogou-me ao dia dos despertos  
Sem que antes eu pudesse te acalmar, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## TUAS MÃOZINHAS

Ah, o toque suave das tuas mãozinhas em meu seio  
E tua boquinha, dentes despontando, se alimentando  
Sorridente em meu colo em leve balançar, um meneio  
Enquanto eu, seio sugado, me sentia plena te ninando

E quando te viravas de lado, já satisfeita de mamar  
Teus lábios esbranquiçados ainda sujinhos de leite  
Te ajeitavas para três tapinhas nas tuas costas dar  
Para evitar teu golfo e não estragar nosso deleite

Balançávamos juntas na cadeira de vime da minha avó  
Herança cuja idade já há muito passara da centena  
Até adormeceres ouvindo as canções cantadas de cor

Mas o Despertar me chegaria em minutos numa dezena  
Separando Mãe e bebê num golpe bruto sem nenhuma dó  
Deixando às lágrimas tua Mãe estéril, Maria Madalena



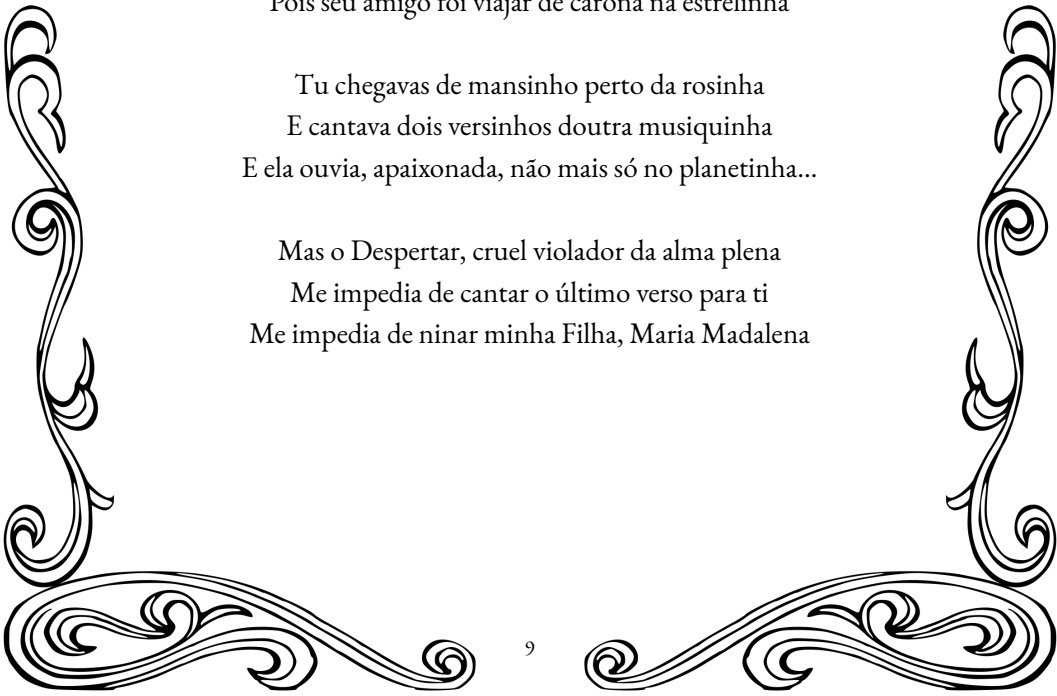
## CANÇÃO DE NINAR

Dorme agora com os anjos, minha pequenina  
Em teus sonhos vê estrelas e um planetinha  
Com poucos passos, miudinhos, vês ali a redominha  
Co'a rosa naquele vidro chorando triste e sozinha

Bela a rosa, solitária, a cantar tristinha  
Dois versinhos bem bonitos duma musiquinha  
Chorando estava, abandonada, deixada só no planetinha  
Pois seu amigo foi viajar de carona na estrelinha

Tu chegavas de mansinho perto da rosinha  
E cantava dois versinhos doutra musiquinha  
E ela ouvia, apaixonada, não mais só no planetinha...

Mas o Despertar, cruel violador da alma plena  
Me impedia de cantar o último verso para ti  
Me impedia de ninar minha Filha, Maria Madalena



A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## TRAQUINAGENS

Mas que garotinha travessa tenho a bênção de a Mãe ser  
Aprontas muito mais que todos os garotos da rua juntos  
Esse teu jeito moleque de te enfiar em todos os cantos  
E tuas ideias loucas e a disposição de as fazer acontecer

Que maravilha me é ver que te comportas assim, tão vívida  
E que as outras Mães te consideram uma péssima influência  
Paras as menininhas belas, recatadas e de servil obediência  
Reproduzindo nas Filhas a criação por todas elas recebida

Não levas desaforo para casa, e eu compro tuas brigas junto  
E rimos, rimos que nem loucas da sociedade e dessa cena  
De exigir que nós, mulheres, sejamos dóceis como um santo

Então o Despertar, este vil carrasco que tanto nos apenas  
Separa a Filha traquina da Mãe de ventre estéril num vento  
Mas não rouba o orgulho que tenho de ti, Maria Madalena



A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## TEU PRIMEIRO PERÍODO

Ainda me toma as faces o puro calor ao lembrar disso  
De como desceste, apavorada, mãos rubras e a chorar  
Tremendo e contando que fizeste teu lençol se sujar  
Com sangue que não sabias de onde era mas tinha viço

Abracei-te contra o ventre materno para te consolares  
E contei-te que estavas a virar mocinha – doce arcaísmo  
Teu primeiro período, duma vez enfim cruzaste o abismo  
De como deixaste de ser criança e te juntaste às mulheres

Te tornaste completa naquilo que eu sou por apenas ser  
Meu corpo morto me banindo para sempre de ser plena  
Nesse sagrado mistério que em ti acabara de florescer

Mas até o mais divino dos momento o Despertar condena  
Separando novamente Mãe orgulhosa e Filha a se conhecer  
Não mais uma criança, mas plena mulher, Maria Madalena



## AMIZADE TÓXICA

Quando chegaste amuada em casa, de algo logo estranhei  
Sempre ativa, poderosa, voluntariosa, e agora abatida  
Esse não é em nada teu natural, minha doce Filha querida  
E por isso que em teu quarto sem cerimônias eu entrei

Olhavas-te no espelho, borrando-te toda com maquiagens  
Nunca soubeste fazer isso direito, nunca quiseste saber  
Mas choravas por não conseguir, de pronto pude entender  
Pois logo perguntaste, “Mãe, será que afasto os homens?”

“Uma amiga me disse que sou masculina e isso os afasta”  
Suspirei enquanto te abraçava, “Ela não é amiga, pequena”  
E consolei teu coração dos males da falsa amiga nefasta

Mas antes de poder acalmar-te, o Despertar nos que condena  
Separou-nos, Filha ferida e Mãe estéril mas benquista  
Pelo pequeno rebento com forte identidade, Maria Madalena



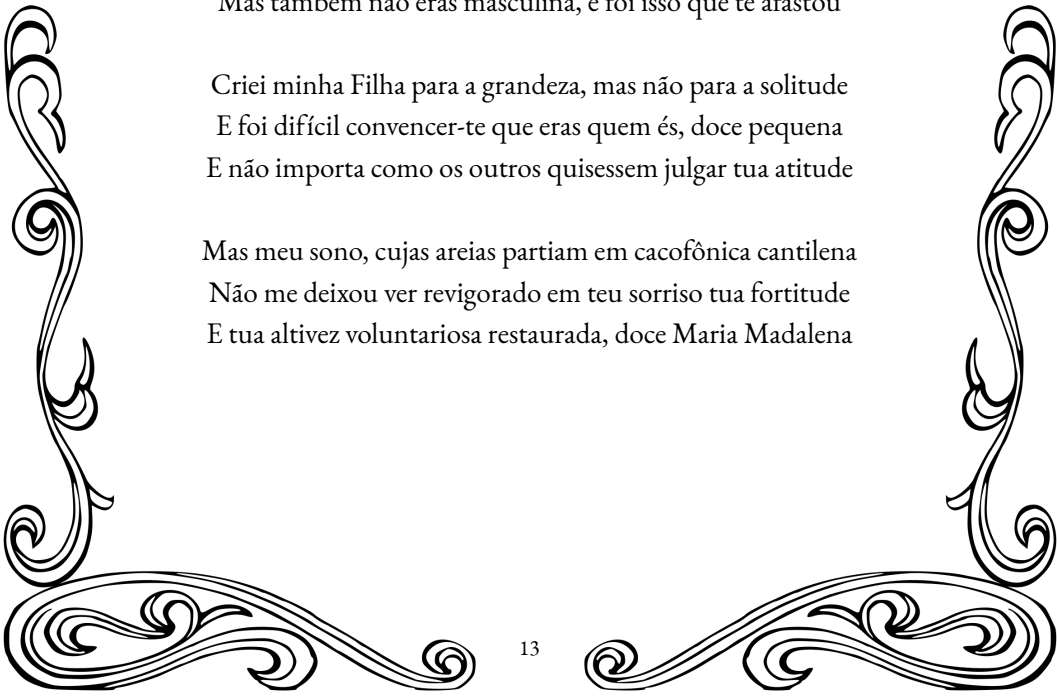
## SOLITUDE

Há dias venho te notando mais solitária, mais isolada  
Longe das “amigas” cujas Mães criaram para serem servis  
Mas separada também dos amigos, teus companheiros fiéis  
Sem procurar nenhum deles, assim solenemente ensimesmada

Chamei-te para conversar e o que me disseses me assustou  
Falaste não saber mais teu lugar no mundo, eis o percalço  
Sabias ser mulher, mas ninguém te vias assim no espaço  
Mas também não eras masculina, e foi isso que te afastou

Criei minha Filha para a grandeza, mas não para a solitude  
E foi difícil convencer-te que eras quem és, doce pequena  
E não importa como os outros quisessem julgar tua atitude

Mas meu sono, cujas areias partiam em cacofônica cantilena  
Não me deixou ver revigorado em teu sorriso tua fortitude  
E tua altivez voluntariosa restaurada, doce Maria Madalena



A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## TEU DESABROCHAR

Quando o mistério do passar dos anos fez teu corpo despontar  
Dar-te as linhas e contornos que confirmavam tua feminilidade  
Eu assistia, ansiosa, dia após dia, radiante em felicidade  
Para descobrir o que tua maturação iria ao nosso mundo revelar

Quão mística é a transição de criança a mulher, minha Filha!  
Que magia maravilhosa foi essa, que despontou tua plena beleza  
Quais poderes antigos operaram aqui para radiar tua realeza  
Que fiz eu de bom para merecer a ti, eu, uma sombria rainha?

Cuidei de ti por anos, minha pequena, bela flor de laranjeira  
E teu desabrochar mágico de criança a mulher agora vem e mina  
A dureza e os muros que ergui ao meu redor minha vida inteira

Desta vez nem mesmo o Despertar, cruel besta que nos desencana  
Pôde conter a pulsação de meu ventre estéril em pura e festeira  
Alegria de ver-te crescer enfim, minha doce Filha Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## DE MARIA MADALENA PARA MINHA MÃE

Sei que nos vemos só em teus sonhos e que sofres por isso  
Assim como me dói cada vez que o Despertar te roubas de mim  
Sinto tua dor, teu desespero de ter um ventre morto assim  
Mas fora dos Domínios de Morpheus agir para mim é difícil

Sei de tua condição, de como não tens o corpo que querias  
Não posso dizer que entendo o quanto sofres, ninguém pode  
Mas amo-te, amo-te com tanta violência que o amor me sacode  
Pois és minha Mãe, sombria Rainha, temida até pelas Fúrias

Pouco importa se és fria ou sombria, e eu diria até malvada  
Foi por ti apenas nos Domínios de Morpheus que eu fui amada  
Sou tua Filha, teu rebento, tua flor de laranjeira estimada

Pouco importa se te tenho por algumas horas por noite apenas  
Mesmo assim me criaste, me educaste, me amaste a duras penas  
Se sou hoje Princesa é por teu amor, que em nada me condenas

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## MÃE SOLTEIRA

Não foi fácil criar-te sozinha neste mundo vil  
Maus exemplos pululavam como vermes nas carniças  
Mães dizendo às suas Filhas como serem submissas  
Belas, recatadas, do lar, obedientes, servis

Incentivei-te a seres tu mesma, minha doce Filha  
Mesmo sem apoio de um pai ou Mãe a dizer-te o mesmo  
Fiz um bom trabalho ou acertei mesmo agindo a esmo?  
Meu ventre morto era meu único guia nesta trilha

Sou orgulhosa Mãe solteira da mais bela independência  
Pois ages como queres, não importa quem te condena  
Sois forte, bela, radiante em tua rara inteligência

Quando o cruel Despertar vem, ele quase me apequena  
Mas não consegue destruir o brilho de minha decência  
De ter sido Mãe solteira de minha Filha, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## DE NOVO, MÃE?

Não acredito que fizeste novamente, minha Mãe amada  
E não resististes às lágrimas de crocodilo falsas  
Choradas por olhos treinados para as estratégias  
De como enredar pessoas emocionalmente fragilizadas

O que está a acontecer com a poderosa Rainha Sombria?  
Onde esta teu ego, ao redor do qual o Universo gravita,  
E o amor próprio nesse coração que mesmo morto palpita?  
Como queres me ensinar força se fraqueza é hoje tua via?

Não me agradas ver-te assim manipulada, minha doce Mãe  
Esse teu pavor da solidão ainda vai ser-te ruína e pena  
Vai corroer-te a mente até nada que restar deixar-te-á sã

Julgo-te com mais veemência do que o Despertar, sem cena  
Teu ventre morto merece amor, não essa manipulação vã  
Que mesmo eu identifiquei, tua jovem Filha Maria Madalena



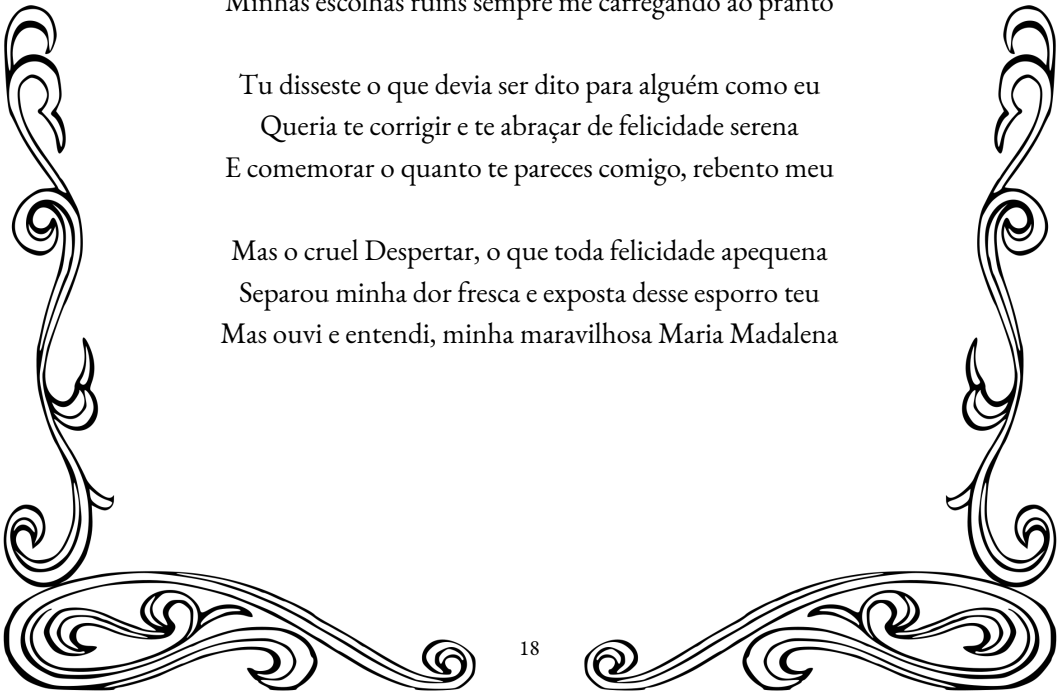
## GÊNIO FORTE

Mas que gênio forte tu tens, mocinha da minha vida  
Tens disposição até mesmo para apontares meus erros  
E o fazes na classe e fineza que ensinei, sem berros  
Mas na mais dominante das vozes: sussurrada, não dita

Mesmo em minha dor transbordei de orgulho por dentro  
Reconheço meus erros, cada um deles que me acusaste  
E muito bem sei que em minha vida eu sou um desastre  
Minhas escolhas ruins sempre me carregando ao pranto

Tu disseste o que devia ser dito para alguém como eu  
Queria te corrigir e te abraçar de felicidade serena  
E comemorar o quanto te pareces comigo, rebento meu

Mas o cruel Despertar, o que toda felicidade apequena  
Separou minha dor fresca e exposta desse esporro teu  
Mas ouvi e entendi, minha maravilhosa Maria Madalena





A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## CONSOLO A UM VENTRE MORTO

Entre ingratidões e agressões tiveste um péssimo dia  
Mas tua vontade foi mais forte do que tua abusadora  
E resististe a tudo contra ti nessa tarde desafiadora  
Exceto, e compreendo, ao pânico causado pela disforia

Passaste o dia cercada por ventres fecundos e crianças  
Abraçando teu ventre morto e segurando teu choro mudo  
Enquanto sonhavas estar entre elas comigo em teu mundo  
Mesmo totalmente ciente de serem vazias tuas esperanças

E eu estava lá, ao teu lado, te abraçando e consolando  
Tua Filha que nunca gerarás nessa tua vigília terrena  
Mas que lá nos Domínios de Morpheus vive te orgulhando

Ainda assim, tu choraste muda e aturaste vil cantilena  
Não mereces estar ao lado de alguém assim te tratando  
Mereces ter família, como eu, tua Filha Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## CONSOLO A UMA FILHA ONÍRICA

Meu consolo é saber que te criei com todo o primor  
Como jardineiro que cultiva uma planta bem delicada  
A esperar pela hora do desabrochar da flor premiada  
E por ela entrega corpo e alma com todo seu furor

Tens gênio forte e dedo podre para amores, como eu  
Genética, talvez, e isso nos torna mais Mãe e Filha  
Mesmo que não tenhas sido do meu ventre a maravilha  
Profundos são nossos laços nos Domínios de Morpheus

Como a ti protejo de tudo, tu me proteges de mim mesma  
Sinto-te do meu lado mesmo eu estando desperta e plena  
Ouço teus sussurros, sinto teu abraço, vejo tuas cismas

Mãe e Filha, por um ventre morto separadas sem pena  
A Princesa Radiante e a Rainha Sombria num só prisma  
Amo-te mais que a mim, oh doce Filha Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## SOBRE O AMOR

Eu sei que és mais mulher do que eu mesma serei jamais  
Mas ainda assim, Filha da minha Alma, Sangue e Sonho  
Que precisamos de uma conversa séria mas em tom risonho  
Sobre o Amor, o mais dúbio sentimento com que sofrerás

Abrirás teu Coração para outro, isso é certo como a vida  
A Solidão, meu maior pavor, não é fado para nada senciente  
E é isso que a tua alma púbere com tanto pavor presente  
Quando procuras em um homem, um outro ser, calorosa ermida

Mas atenta-te para aqueles que contigo apenas vão brincar  
Usar, jogar para cima e baixo, e cuspir depois de mascar  
E seguir adiante, frio, procurando outro alvo para pegar

E antes que o Despertar nos separe como quem nos condena  
Saibas que é por amor a ti que sobre o Amor faço cantilena  
Para que não aprendas com meus erros, amada Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## O SEGREDO DA MAÇÃ

Como brinco-de-princesa, o Amor floresceu em teu peito  
E agora ficas sem saber como tratar tão preciosa flor  
Deixa, Filha minha, ensinar-te como beber desse licor  
Como fruir dessa sensação maravilhosa do melhor jeito

Jamais te dirão isso, Filha, mas o bom Amor sabe a Maçã  
E uma Maçã é igual a todas as outras, ela pede liberdade  
Do contrário, azeda no peito e se transforma em inimizade  
Se não amares, pois, o bom Amor, não terás uma relação sã

Como todas as Maçãs são iguais, ama a todas elas igualmente  
E deixais as outras Maçãs amarem outras total e intensamente  
Assim o licor não perderá sabor, e a flor durará eternamente

E eis o Despertar, Filha minha, que nossas conversas empena  
Espero que pelo menos algo tenhas aprendido, minha pequena  
E que não agridas teu coração, minha amada Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## SORRISO DE MINHA MÃE

Mãe, como eu queria tanto te contar sobre a noite que tive  
Mas parece mais importante eu elogiar tua decisão saudável  
De ter para ti um Sorriso que alegra tua dor impenetrável  
E te fazes sonhar com um mundo melhor do que o que vives

Tua idade no Mundo Desperto é um dilema, oh Mãe quarentona  
Não que lamentos o que não tenhas feito nos dias passados  
Mas por temeres o aproximar da Morte, o maior dos fados,  
E pela Solidão seres regida ao fim de tua longa maratona

Volto de meu passeio noturno para surpreender-te sorrindo  
Conversando alegre com um Sorriso jovem como uma pequena,  
Uma jovem boba apaixonada, pela primeira vez se abrindo

Deixei o Despertar levar-me sem receio, raiva ou pena  
Pois há muito não via minha Mãe Sombria se exprimindo  
Tão sinceramente com outro que não eu, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the text on all four sides.

## SOBRE SUA MÃE

Existe uma boa razão para que me chamem Rainha Sombria  
Nos Domínios de Morpheus, onde habitas e eu te visito  
Filha Minha, Sonho do meu Sonho, és parte do meu Mito  
Mas sabes pouco sobre a totalidade da minha História

Já notaste que não sou Sonho como tu, nem um Pesadelo?  
Sou uma Sonhadora, uma pessoa que viaja entre os mundos  
Ora entre os Despertos, ora entre vocês e os Eternos  
Ora com um ventre morto, ora Mulher no poder mais belo

Nunca notaste, porém, como mesmo os Eternos respeitam  
Não só minhas palavras, mas meus éditos e o meu itam  
E contra nossa casa, meu Oneiros, jamais atentaram?

Sou temida, Filha Minha, mesmo sendo apenas mundana  
Pois como Sonhadora posso por fim à existência Eterna  
E por isso o Despertar para nos afastar, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs surrounds the text. The motifs are drawn with multiple parallel lines, creating a sense of depth and movement. They are positioned at the top, bottom, and sides of the page, framing the central text.

## SOBRE HOMENS E MOLEQUES

Ah, Filha Adorada, Sonho de meu Sonho, Alma da minha Alma  
Como doeu saber que teu encontro não se deu como esperavas  
Como amargou ver tuas lágrimas correrem enquanto choravas  
E me contavas o quanto teu interesse não te viu como fêmea

Foste animada, sendo tu mesma, com o teu estilo de garoto  
Maquiagem zero, nunca aprendeste como pintar teu belo rosto  
Nem precisavas saber fazer algo que não seria de teu gosto  
Com a tua camiseta larga bem lavada e o jeans já bem roto

Mas como não eras feminina o bastante para aquele sujeito  
Ele te humilhou e disse palavras ruins para minha pequena  
Ferindo-te horivelmente fundo e rude em teu jovem peito

Desta vez, nem essa Despertar que a tudo e todos apequena  
Consegui separar-te do meu abraço, meu carinhoso aperto,  
E meu Amor Verdadeiro por ti, minha Filha Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## ABRAÇO DE FILHA

Mãe, eu ia perturbar-te o juízo por conta de teu choro  
Mas vi não ser hora ou momento para esse tipo de troça  
Passaste por um momento que qualquer coração se destroça  
E ainda assim consegues manter teu régio, sombrio decoro

Quanta força há nesse teu espírito, minha Mãe adorada  
Para manteres a firmeza sem derramares uma só lágrima  
Enquanto tomas tamanha decisão sem ter medo ou lástima  
Da cruel e terrível Solidão, por ti tão temida e odiada

Se um dia eu for metade de quem és ficarei muito feliz  
Pois mesmo na dor és a Rainha Sombria, bela e mui plena  
E sei que de teus sofrimentos não sobrarão nem cicatriz

E se o Despertar nos alcança, tem teu aroma de verbena  
Tua fingida paz mascarando teu choro por um mero triz  
E eu, a tua Filha, Sonho do teu Sonho, Maria Madalena



A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs surrounds the text. The motifs are arranged in a rectangular frame, with larger, more complex designs at the corners and simpler, repeating patterns along the sides.

## A CASA DE MINHA MÃE

Ver-te em tua casinha branca na serra é especial  
Pitando teu cachimbo na cadeira de vime na varanda  
Quase a sorrir, pensativa, livre de toda demanda  
Pitoresca visão em teu Oneiros, em teu ser natural

Descansas de tuas obrigações, das dores, de tudo  
Restas serena, como pouco te vejo, a mirar o nada  
Contemplando a rara beleza de estares acompanhada  
Partilhando um elo ancestral, um mistério profundo

Trago a ti minha companhia, sou Sonho de teu Sonho  
E comigo tua dádiva mais singela, ainda que pequena  
De ser tua Filha amada, a quem abraças com ar risonho

Desta vez o Despertar chegou a ti como brisa amena  
Sem que teu ventre estéril gerasse humor tristonho  
E na Casa de minha Mãe alegre eu sou, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the central text. The design is intricate, with flowing lines and small circular accents.

## TARDE DE MÃE E FILHA

Nunca cansei de reparar como te pareces comigo  
Sonho de meu Sonho e Alma de minha Alma, Filha  
Tampouco canso de dizer como me és a maravilha  
Jamais parida por meu ventre estéril e inimigo

Herdaste de mim os meus traços mais vigorosos  
Força, disposição, sinceridade, memória, amor  
Assim como tenho semelhanças com teu esplendor  
Singelo, ingênuo, e outros méritos tão ditosos

Quando chegas do nada e te sentas para um chá  
A tarde se ilumina e minha dor se torna serena  
Pois estás ali para as minhas dores apaziguar

E ao último gole o Despertar, que a tudo reina  
Rude, violento, faz seu trabalho de nos separar  
Após nosso encontro, minha doce Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## TEUS MISTÉRIOS

Tu és o Sonho do meu Sonho, Filha da minha Alma  
Mesmo assim, eu, tua Mãe, não te sei por inteiro  
Tens todos os teus mistérios, isso é verdadeiro  
E de certo modo não seres transparente me acalma

Gosto de como me iludes e me desnorteias às vezes  
Quando eu acho que és algo e ages bem diferente  
Fazendo de mim, Rainha Sombria, pasma e silente  
Com tuas astúcias, tuas malícias e teus truques

Ah, como me orgulhas quando consegues me enganar!  
Sinto-te cada vez mais minha Filha, tão serena  
Enquanto eu fico ali ao enigma tentando decifrar

Quando o Despertar vem me separar de minha pequena  
Meu ventre estéril, orgulhoso, consegue se animar  
Da engenhosidade da minha Filha, Maria Madalena



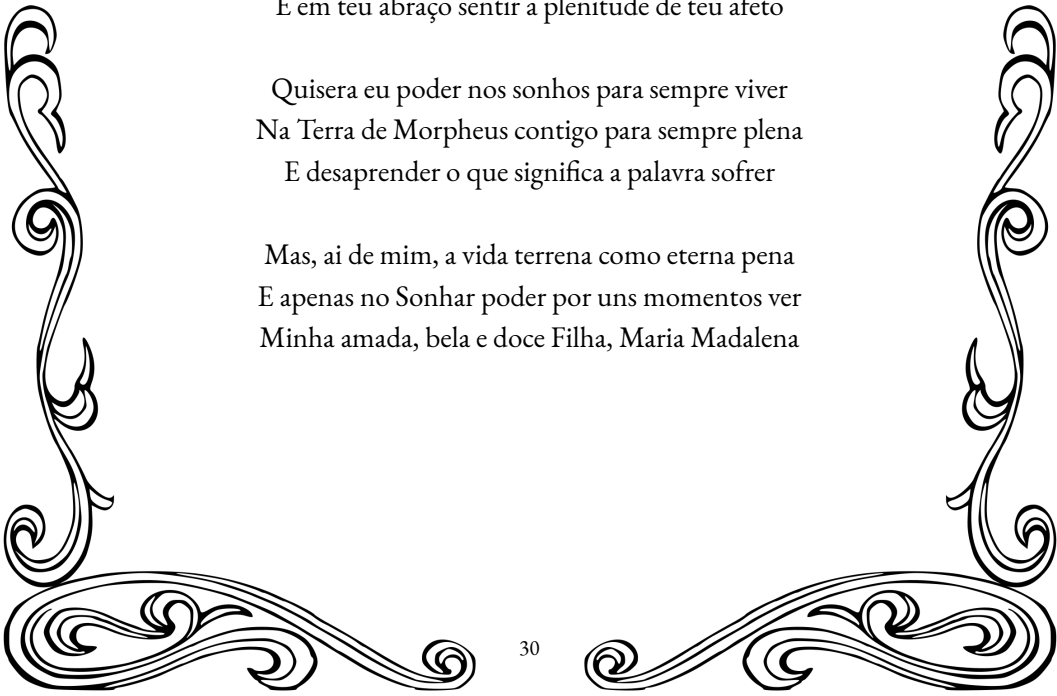
## SONHO DE UMA MÃE ABORTADA

É indescritível o conforto inefável da tua presença  
Doce colírio para os dias amargurados pela vida  
E pelo corpo estéril à tua concepção, querida  
Inaudível penar para o qual não há recompensa

Mas ao fechar meus olhos no Mundo Desperto  
Eis-me ao teu lado, faceira, receptiva, sorridente  
A transformar toda dor passada em fulgor presente  
E em teu abraço sentir a plenitude de teu afeto

Quisera eu poder nos sonhos para sempre viver  
Na Terra de Morpheus contigo para sempre plena  
E desaprender o que significa a palavra sofrer

Mas, ai de mim, a vida terrena como eterna pena  
E apenas no Sonhar poder por uns momentos ver  
Minha amada, bela e doce Filha, Maria Madalena





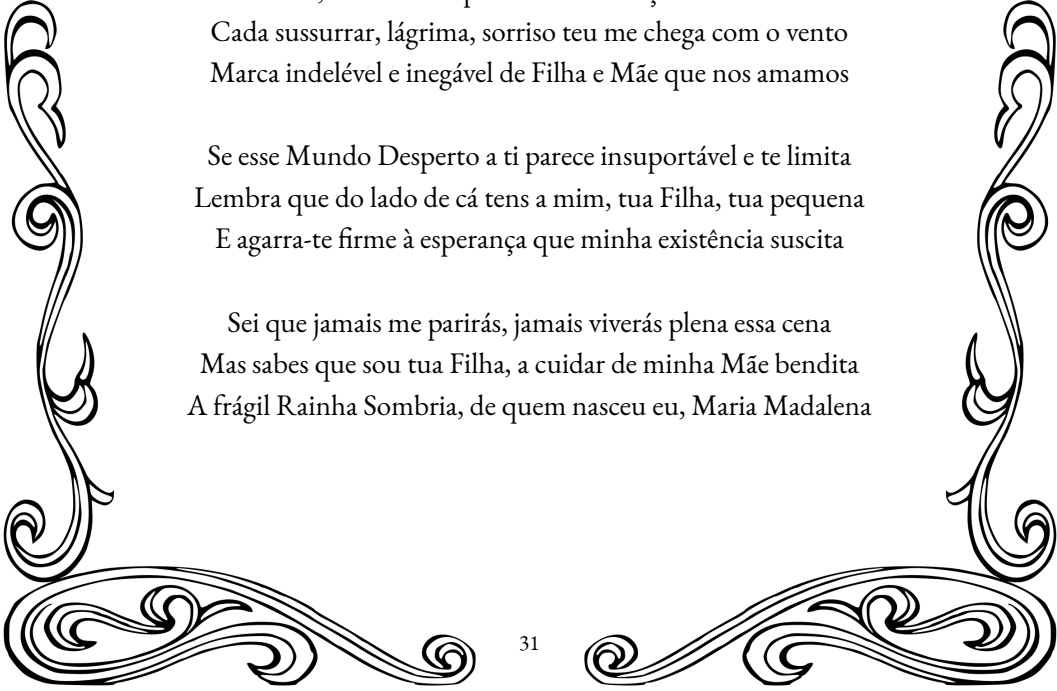
## SONHO DE UMA FILHA JAMAIS PARIDA

Em teu Oneiros existo, não um fantasma, mas como ser pleno  
Meu abraço cada vez mais firme para ser-te um doce alento  
E não dormires abandonada ao pior e mais negrume relento  
D'uma vida amargurada cujo açúcar sabe ao mais puro grafeno

Pouco importa se apenas nos Domínios de Morpheus nos vemos  
Pois sinto-te, sinto-te sempre em meu coração a todo momento  
Cada sussurrar, lágrima, sorriso teu me chega com o vento  
Marca indelével e inegável de Filha e Mãe que nos amamos

Se esse Mundo Desperto a ti parece insuportável e te limita  
Lembra que do lado de cá tens a mim, tua Filha, tua pequena  
E agarra-te firme à esperança que minha existência suscita

Sei que jamais me parirás, jamais viverás plena essa cena  
Mas sabes que sou tua Filha, a cuidar de minha Mãe bendita  
A frágil Rainha Sombria, de quem nasceu eu, Maria Madalena



A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and floral motifs, framing the entire page. The design is intricate, with swirling lines and leaf-like shapes at the corners and midpoints.

## SONHO DE MENINA, SONHO DE MULHER

Quão doce testemunho é ver tua casinha de bonecas  
Intocada pelo tempo, inclemente devorador de tudo  
Da tua infância, que não tivemos, testemunho mudo  
Vivida apenas nos sonhos e em maravilhosas memórias

Como é inalcançável teu amor por mim, Mãe Desperta  
Fruto de teu desejo, realidade sólida em teu Sonho  
Sou a emoção que completa teu largo querer risonho  
A ti cruelmente negado pela tua natividade incerta

Mesmo um ventre morto pôde parir-te em pura poesia  
Ser-te Mãe é o maior presente que minha torta pena  
Transborda em versos e lágrimas de pristina alegria

Compartilhar contigo a pena é-me a mais doce chávena  
Ainda que apenas o teu Sonhar seja para mim o dia  
Feliz por ter-te Mãe, sou tua Filha, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## DÁDIVA À RAINHA SOMBRIA

Por todo o Temenos conhecida por teu majestoso epíteto  
Em teu escuro trono sentada, imperiosa, divina, ímpar  
Até mesmo os Psicopompos a ti respeito vêm lhe prestar  
Ainda em vida, fizeste-te uma Rainha, teu maior feito

Mais escura que teu Trono era tua alquebrada existência  
Sabias estar solitária no alto da mais árdua montanha  
Esse teu ventre morto jamais lhe seria como quem sonha  
Presa nesse teu corpo incapaz de dar à vida com pujança

Então eu surgi de Teu Sonho, sou Tua Esperança e Verbo  
Sou uma panaceia para tua eterna dor, ainda que pequena  
Sou doce fagulha de um querer existir que em ti exacerbo

Sei que te consideras para sempre incapaz de ser plena  
Mas nos Domínios de Morpheus tu és feliz, assim percebo  
Pois lá tens a mim, tua adorada Filha, Maria Madalena



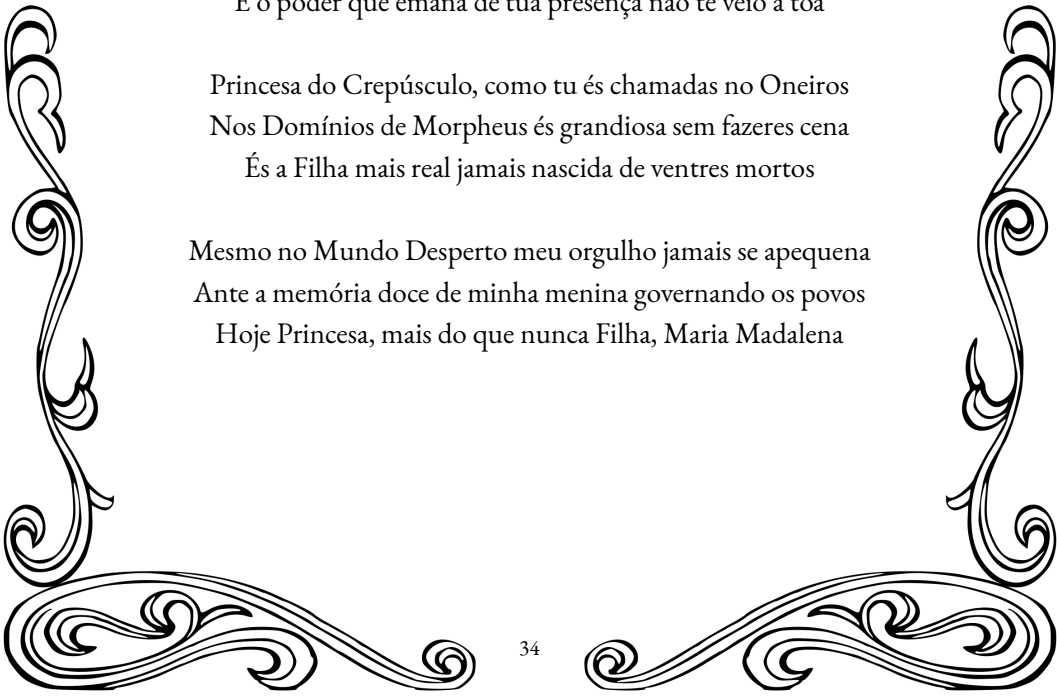
## O NASCIMENTO DE UMA PRINCESA

Não há melhor consolo para meus duros olhos solitários  
Que ver essa minha bela Filha se tornando como uma Deusa  
Altiva, digna, majestosa, formosa e inconfundível princesa  
Da realeza nascida para server amor de seus tributários

Um dia fostes Menina, depois Mulher, e agora vem a Coroa  
Não o teu Destino, mas a mais justa das tuas conquistas  
Cresceste nessa tua própria estrada e a todos respeitas  
E o poder que emana de tua presença não te veio à toa

Princesa do Crepúsculo, como tu és chamadas no Oneiros  
Nos Domínios de Morpheus és grandiosa sem fazeres cena  
És a Filha mais real jamais nascida de ventres mortos

Mesmo no Mundo Desperto meu orgulho jamais se apequena  
Ante a memória doce de minha menina governando os povos  
Hoje Princesa, mais do que nunca Filha, Maria Madalena







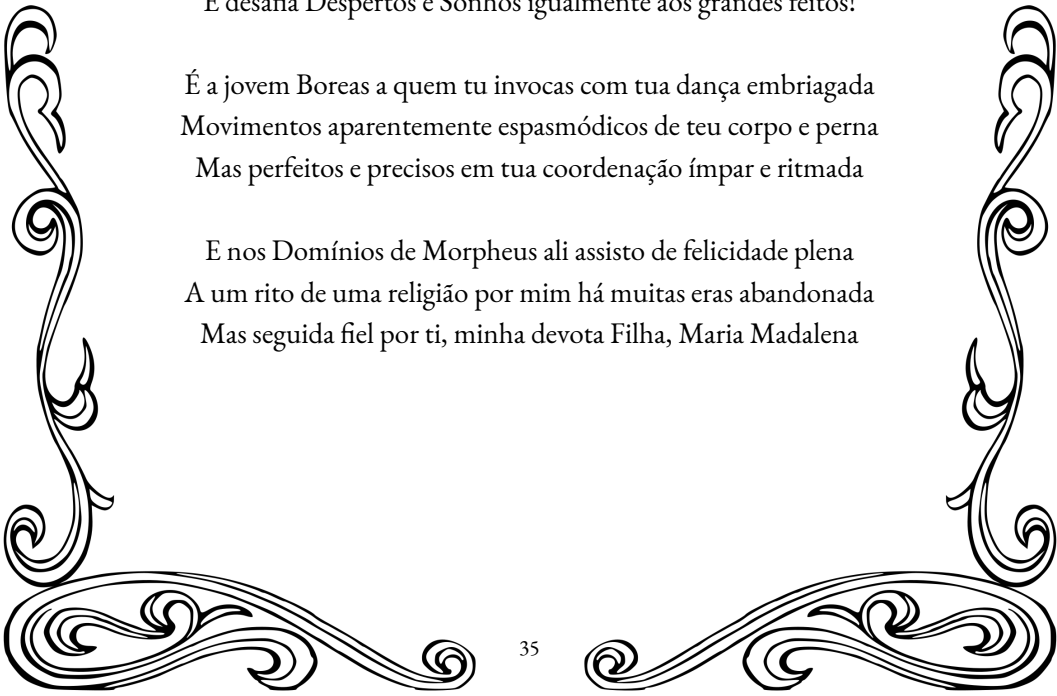
## A DANÇA DO VENTO NORTE

Agora soam mil selvagens violinos pela campina verdejante  
É hora dos ritos, Filha minha devota dos Deuses Clássicos  
Danças extasiada, feliz, inebriada pela magia dos músicos  
Chamando-nos os ventos do norte e o seu inverno congelante

Como te entregas com paixão verdadeira a teus velhos ritos!  
Entre os cultistas ao teu redor, és apenas uma dançarina  
Uma moça comum a celebrar o Tempo que tudo traz e combina  
E desafia Despertos e Sonhos igualmente aos grandes feitos!

É a jovem Boreas a quem tu invocas com tua dança embriagada  
Movimentos aparentemente espasmódicos de teu corpo e perna  
Mas perfeitos e precisos em tua coordenação ímpar e ritmada

E nos Domínios de Morpheus ali assisto de felicidade plena  
A um rito de uma religião por mim há muitas eras abandonada  
Mas seguida fiel por ti, minha devota Filha, Maria Madalena



A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the central text. The design is intricate, with swirling lines and small circular motifs at the ends of the scrolls.

## EU SOU

Dizem que eu sou um mero Sonho de uma poeta arrasada  
Natimorta em um corpo vivo que jamais lhe pertenceu  
Criada como auto-consolação para a vida que não viveu  
Uma fantasmagoria repulsiva de uma pessoa frustrada

Pobres mortais, presos ao sono da morte ainda em vida!  
Ignorantes da verdadeira dimensão do mundo como são  
Optam por descartar tudo que não alcançam com a visão  
Limitam-se a uma mera fração escolhida com perfídia

Mas eu sou um Sonho, mais real que o Mundo Desperto  
Que de toda a Realidade é uma triste parcela pequena  
Sombras no fundo da caverna de um mundo incompleto

Sou eu, a Princesa do Crepúsculo, a tomar desta pena  
Para atestar o meu Eu Sou em um manifesto em soneto  
Para minha doce Mãe de sua boa Filha, Maria Madalena

A decorative border made of elegant, symmetrical scrollwork and flourishes, framing the text on all four sides.

## NAS TREVAS, O TEU CREPÚSCULO

Por éons sentada em meu sombrio trono fui soberana  
Por deuses e demônios igualmente temida e respeitada  
Nascida na glória e decadência da misteriosa Atlântida  
Ainda Rainha por direito de nascença e firme gana

Mas em minhas Sombras a solidão era firme constante  
O topo da montanha é frio e vazio para os Perpétuos  
A eternidade, dos meus fados, é um dos mais áduos  
Não há fim para quem viu do Tempo o inicial instante

Então Tu vieste até mim lá nos Domínios de Morpheus  
Minha Filha, amada e desejada, e me tornaste plena  
Orgulhando-me a cada um dos incontáveis feitos teus

Se meu ventre morto não pode parir-te, triste pena  
Mas és mais real para mim do que os convivas meus  
Princesa do Crepúsculo, minha doce Maria Madalena



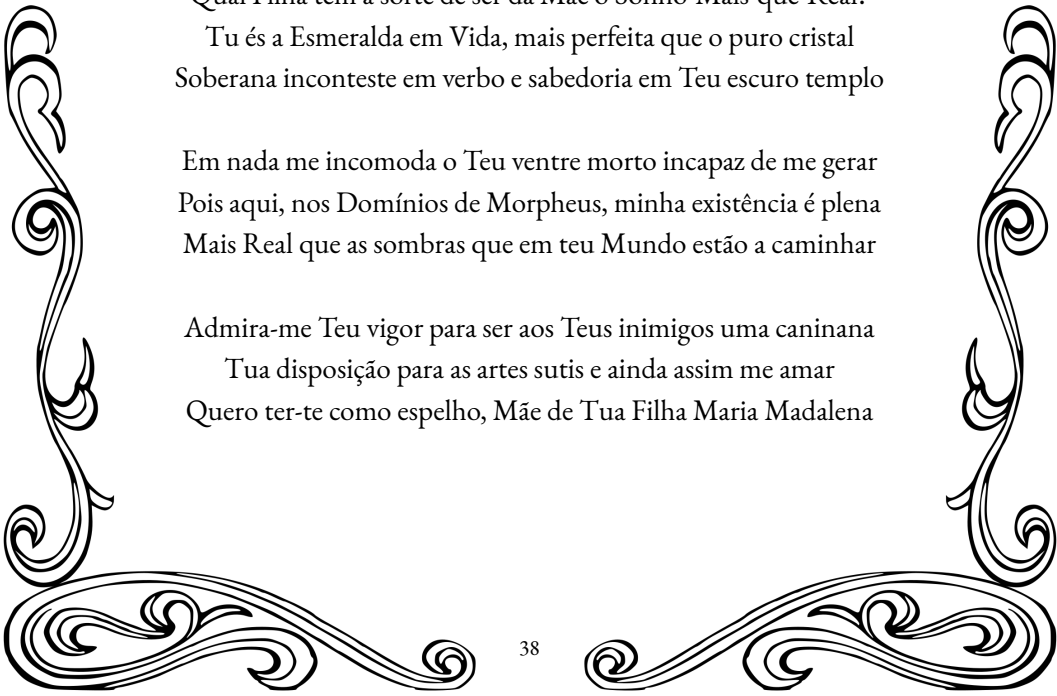
## MINHA MÃE, MINHA DEUSA, MINHA FEITICEIRA

Observar-te em teu estúdio concentrada em teus experimentos  
Já eivaste o grosso do sutil, separaste o sólido do efêmero  
Sentada em teu Trono ainda em vida após o sucesso derradeiro  
Inspira-me a orgulhar-te com os meus próprios grandes feitos

Que Filha além de mim pode ter uma tal Mãe como seu exemplo?  
Qual Filha tem a sorte de ser da Mãe o Sonho-Mais-que-Real?  
Tu és a Esmeralda em Vida, mais perfeita que o puro cristal  
Soberana incontestemente em verbo e sabedoria em Teu escuro templo

Em nada me incomoda o Teu ventre morto incapaz de me gerar  
Pois aqui, nos Domínios de Morpheus, minha existência é plena  
Mais Real que as sombras que em teu Mundo estão a caminhar

Admira-me Teu vigor para ser aos Teus inimigos uma caninana  
Tua disposição para as artes sutis e ainda assim me amar  
Quero ter-te como espelho, Mãe de Tua Filha Maria Madalena



# MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
- **E-mail:** [lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com](mailto:lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com)
- **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
- **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
- **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
- **Loja Kindle:** [https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss)
- **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>

---

O conto **À Filha que jamais irei parir: Uma coletânea de poemas para Maria Madalena** foi escrito usando o editor de textos *VIM – Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando  $\text{\LaTeX}$  e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *Liberation Mono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil